

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, JUNHO/2015 - ANO XVIII - Nº 221

EDITORIAL

O Papa Francisco surpreendeu o mundo no último dia 18 de junho com a divulgação da Encíclica Verde. A mensagem do pontífice para pedir a proteção do planeta foi dirigida a todos, não apenas aos católicos. Conclama a comunidade internacional a se unir contra o aquecimento global por meio de ações afirmativas.

Esse documento inédito em prol do meio ambiente foi divulgado justamente no mês em que a Área de Proteção Ambiental (APA) da Serra da Mantiqueira completou 30 anos.

Esta APA, criada através do Decreto Federal 91.304, de 3 de junho de 1985, para preservar uma dos mais importantes cadeias montanhosas do Sudeste brasileiro e sua rica biodiversidade, ainda hoje não foi regulamentada. A Mantiqueira, atualmente, é o retrato da omissão e da falta de responsabilidade de nossas autoridades no que tange à proteção ao meio ambiente. Como até hoje um plano de manejo não foi elaborado, agravos progressivos e continuados vêm ocorrendo ao longo da Serra, com danos ambientais irreparáveis.

A APA da Mantiqueira não pode ficar condenada a ser uma APA de papel. Sua efetiva implantação como área de proteção ambiental depende, fundamentalmente, da elaboração desse plano de manejo. Sem esse instrumento, moradores e usuários dessa unidade de conservação não podem ser racionalmente compelidos a orientar sua conduta para a preservação dos recursos naturais ali existentes simplesmente porque inexistente uma normatização prévia que estabeleça, objetivamente, o limite entre o lícito e o ilícito, em termos comportamentais. O vácuo normativo ora verificado impede a consolidação da consciência ambiental, bem como estimula novas violações por parte de quantos se portem de má fé.

Hoje, um dos grandes impedimentos para se garantir o desenvolvimento sustentável da região serrana é a ausência do plano de manejo da APA. Oxalá a força moral representada pela figura do papa Francisco, por meio de sua encíclica “Laudato Si”, consiga sensibilizar nossas autoridades para essa questão fundamental que nos atinge a todos – a sobrevivência do planeta e, consequentemente, de todas as espécies.



Reprodução

A nova encíclica do papa Francisco é inspirada no Cântico das Criaturas, de São Francisco de Assis, que, em 1779, o papa João Paulo II proclamou padroeiro dos ecologistas.

“Laudato Si” – a Encíclica Verde

A encíclica “Laudato Si” (Louvado seja) do papa Francisco, divulgada no último dia 18 de junho, foi recebida com júbilo por ambientalistas. Esse tão aguardado documento sobre o meio ambiente chega num momento chave para a comunidade internacional, que, em seis meses, se reunirá em Paris, numa conferência para determinar ações que visem a frear o aquecimento global do planeta.

Ambientalistas veem nessa exortação pela natureza um aliado de peso para revitalizar a letárgica negociação internacional sobre combate às mudanças do clima.

O pontífice, contudo, parece ter em vista mais os donos do poder – entre os quais não faltam os que cultivam valores religiosos – e os cristãos desatentos à doutrina teológica de que não se pode salvar a criação (os homens) do pecado e da miséria sem salvar, também, a criação (a natureza).

Tudo está ligado, sublinha Francisco na encíclica. Agredir a natureza, como o faz a humanidade inebriada com a tecnologia, atenta contra a obra do Criador. Fechar os olhos para a mudança climática é pecado, em resumo.

O papa junta sua voz à de outros líderes mundiais empenhados em fazer da Conferência do Clima de Paris, em dezembro, um sucesso. Busca-se um acordo capaz de limitar o aquecimento global a 2° C até o fim

deste século.

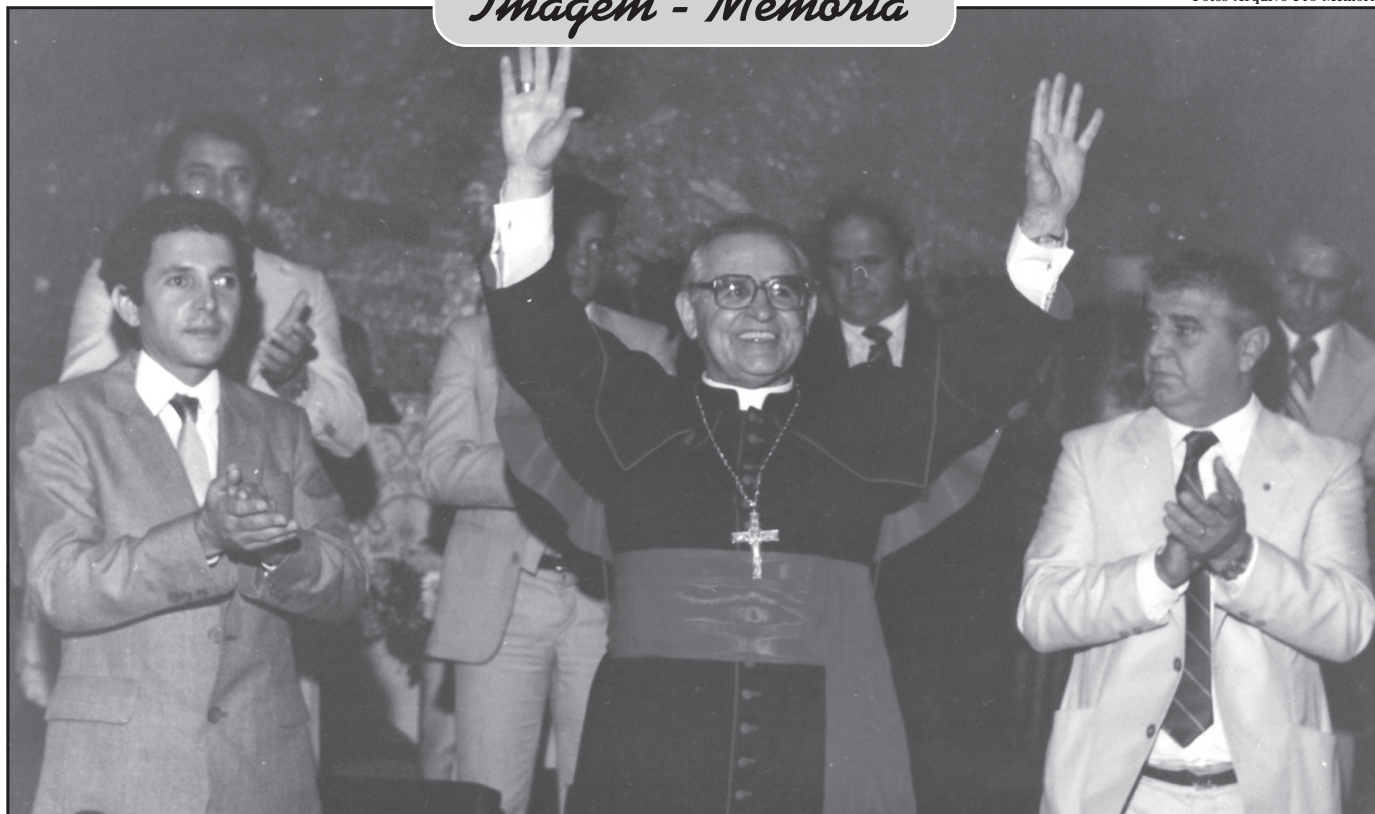
A necessidade de enfrentar essa questão não se resume à dimensão moral privilegiada no documento pontifício. Há razões pragmáticas de sobra para levá-la a sério. Um aumento superior a 2° C da temperatura média da atmosfera traria mais eventos climáticos extremos, como enchentes, secas, tempestades e ondas de calor. Tais alterações nos padrões climáticos não apenas levariam à perda de vidas, como também, provocariam o desarranjo de todo o sistema de produção agropecuária e obrigaria o setor de infraestrutura a consumir verdadeiras fortunas para se adaptar à nova realidade.

O papa está certo em indicar que esse processo punirá desproporcionalmente os mais pobres e menos responsáveis pela situação.

A encíclica Laudato Si é um chamamento a todos a tomarem ações concretas para frear o aquecimento global. O papa, uma das personalidades mais populares e influentes do mundo, é estimado por presidentes, políticos, líderes religiosos – como o Patriarca de Constantinopla –, assim como pastores, rabinos e imãs. Ele conta com o apoio amplo e vai usar sua influência entre os países católicos, como o Brasil, potência emergente que precisa mudar comportamentos, engajando-se nessa cruzada.

Imagem - Memória

Fotos Arquivo Pró-Memória



Aplaudido em pé pela comunidade de Piquete, Dom Paulo Evaristo Arns, hoje com 93 anos de idade, continua a inspirar, com seu exemplo e história de vida, a todos os homens de bem. Na foto, o presidente da Câmara Municipal, professor José Farouk, e o ex-prefeito de Piquete, professor José Armando de Castro Ferreira por ocasião da entrega do título de Cidadão Honorário a Dom Paulo Evaristo Arns, em 24 de agosto de 1983.

Dom Paulo Evaristo Arns – Cidadão Piquetense

Foi uma noite memorável aquela de 24 de agosto de 1983. A igreja Matriz de São Miguel ficou lotada, tomada pelos moradores da cidade que compareceram à solenidade de entrega do título de Cidadão Honorário de Piquete a Dom Paulo Evaristo Arns, cardeal arcebispo de São Paulo.

Após missa concelebrada pelo ilustre homenageado, ocorreu a Sessão Solene da Câmara, presidida pelo vereador professor José Farouk Raffoul Mokodsi.

O projeto legislativo de outorga desse título a Dom Paulo foi apresentado pelo vereador Edgar Lino Ferreira em 21 de março de 1979 e aprovado por unanimidade na sessão legislativa de 3 de abril daquele ano. Devido aos inúmeros compromissos de Dom Paulo, a data para a homenagem foi postergada diversas vezes, até sua efetivação em 1983.

O franciscano Dom Paulo Evaristo Arns é referência mundial em prol da defesa dos direitos humanos e uma das mais expressivas lideranças religiosas do Brasil. Impressionou o país e o mundo pelas suas atividades em defesa dos direitos humanos durante o período da ditadura militar, quando combateu a intransigência do regime militar e agiu em favor das vítimas da repressão. Dom Paulo defendeu, também, os líderes sindicais nas greves, apoiou a campanha contra o desemprego e o movi-

mento pelas eleições diretas. Por diversas vezes, ofereceu a Catedral da Sé de São Paulo para missas e cultos ecumênicos. Sua luta em defesa dos direitos dos pobres e pelo fim da desigualdade social lhe valeu vinte e quatro títulos de Doutor Honoris Causa em universidades dos Estados Unidos, Alemanha, Canadá e Holanda; prêmio do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados, do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), entre outros.

Filho de pequenos agricultores, nasceu em Forquilha, interior de Santa Catarina, em 14 de setembro de 1921. Foi ordenado padre em 1945. Religioso, com formação erudita e ligado ao setor progressista da Igreja, doutorou-se com o mais alto grau acadêmico “três honorable”, em Letras, pela Universidade de Sorbonne, em Paris, com a tese “A Técnica do Livro de São Jerônimo”, em 1952. De volta ao Brasil, em Petrópolis trabalhou como professor de Teologia, como jornalista e vigário nos subúrbios da cidade. Foi promovido à condição de bispo em 1966. Quatro anos após, o papa Paulo VI nomeou-o arcebispo de São Paulo e, em 1973, cardeal. Pediu demissão do cargo de cardeal arcebispo em 1998, como determinam as normas da Igreja. Incentivando a integração entre padres, religiosos e leigos, criou quarenta e três paróquias e apoiou a criação

de mais de duas mil comunidades eclesiais de base na periferia da capital paulista.

A solenidade de entrega a Dom Paulo do título de Cidadão Honorário, em Piquete, foi o reconhecimento, assim como também o fizeram trinta e oito outras cidades brasileiras, pelo seu exemplo de cidadania, contribuindo de maneira incisiva para a construção da democracia, na cidade de São Paulo, com irradiação para todo o Brasil e mesmo para o exterior. Uma democracia que abrange as dimensões política, econômica, social, cultural e religiosa.

Aos 93 anos de idade, Dom Paulo Evaristo Arns, arcebispo emérito de São Paulo, continua a inspirar, com seu exemplo e história de vida, a todos os homens de bem.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:

Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Professor Luiz de Castro Pinto, 22

Tels.: (12) 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração:

Marcos R. Rodrigues Ramos

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

GENTE DA CIDADE

Luizinho Ticassê

Filho de Benedito Batista de Oliveira – piquetense de raiz – e Odete Ferreira de Castro, Oliveira Luiz Carlos de Oliveira é o terceiro entre quatro irmãos, nascido a 20 de novembro de 1948, à avenida Gomes Carneiro. Os estudos primários foram feitos no Grupo Escolar da FVP: “Entrei com seis anos, já praticamente alfabetizado por minha mãe...”. A primeira professora foi Dona Bartira, a quem reencontrou anos mais tarde, em função do nome... Afirma, no entanto, que as principais recordações são de Dona Terezinha Libanor, sua professora no quarto ano do primário. Após o exame admissional, ingressou no Ginásio da FVP, dirigido pelo professor Augusto Ribeiro de Souza. A turma seria a primeira a se formar no atual prédio do colégio estadual, para onde foi transferida no último período. Cita, com nomes completos, vários colegas: Maria Auxiliadora Motta, Paulo Alves Conrado, Léa Aparecida Caetano, Clélia Maria Giffoni, Paulo Leite, Sebastião Alves Junqueira... Foi nesse período que ganhou o codinome “Ticassê”, tirado do texto “Os Camaradas de George”, estudado nas aulas de Francês. “O personagem Ticassê, na sala de aula da estória, sentava-se na segunda carteira à direita, da segunda fileira... E eu, na sala de aula da vida real, tomava o mesmo lugar... O apelido pegou a tal ponto, que até meu pai me chamava por Ticassê...”, conta disfarçando a emoção...

Deu sequência aos estudos ingressando, em 1967, na Escola Normal Livre Duque de Caxias. Ao concluir o Normal, teve que servir, por dez meses, o Exército. Em seguida, já em 1970, passou a lecionar em Bananal e, depois, Cunha. Enquanto dava aulas, por bom tempo morou em Piquete: “Saía de madrugada, dava aulas e, à noite, cursava Administração, na Faculdade Salesiana de Lorena”. A fim de melhor exercer o Magistério, cursou também Pedagogia.

Estava lecionando em Cunha, quando em junho de 1976, aprovado em concurso público, iniciou sua carreira na Caixa Econômica Federal, na cidade de São Paulo. Como bancário, morou na capital paulista, em Cruzeiro, Ubatuba, Campos do Jordão, Caçapava, Guaratinguetá, Lorena, Aparecida e Cachoeira Paulista... “Foram dezessete as mudanças de residência”, conta. Houve, ainda, um período em que residiu em Piquete, e viajava para o trabalho.

Ainda no último ano do primário, mudou-se com a família para a Vila Célia, para a



casa em que até hoje pertence à família. “Foi muito boa a vicência na Vila... Um local com muita gente idosa, que nos ensinava, a mim e aos amigos, muito sobre a vida...”. Afirma ter, de lá, memórias das mais doces, inclusive de amigos, como o futuro cunhado, José Fernando Machado, e Chiquinho Cruz. Foi lá que conheceu, ainda criança, a esposa, Maria Tereza Machado Oliveira, com quem se casou após seis anos de namoro, em 15 de outubro de 1977 – “aniversário dela”, faz questão de frisar. O casal tem dois filhos, Matheus – que lhes deu um neto – e Felipe, ambos casados.

Ticassê ressalta que, apesar da vida profissional em diversas cidades, jamais deixou de frequentar Piquete. Herdou do pai e do padrinho de crisma, Carlos Vieira Soares, a paixão pela Mantiqueira e pela natureza. “Conheço toda a geografia da cidade graças a eles, especialmente meu padrinho, que também me ensinou muito sobre as plantas nativas...”. Fez parte do Conselho de Turismo e, junto com o amigo Gugu, do grupo de escoteiros.

O idealismo e o amor por Piquete fizeram-no aceitar o convite da atual administração municipal para o cargo de Secretário de Finanças do município. “Tomei como um grande desafio. Organizar a administração

financeira de Piquete, adequá-la à legislação e imprimir seriedade e trabalho competente como marcas desta gestão estão sendo meus objetivos”, afirma.

Piquete merece cidadãos como Luizinho Ticassê. Cidadãos nascidos aqui como ele, ou não, que conhecem o mundo, progridem e nunca deixam de honrar e colaborar para o engrandecimento de sua cidade.

Foto Acervo particular



Caminho Jornada da Perseverança

Cerca de 100 ciclistas do Vale do Paraíba e região participaram da peregrinação pelo “Caminho Jornada da Perseverança”, um passeio ciclístico cultural e religioso com cerca de 82km de extensão. A peregrinação teve início às 8h e foi encerrada às 16h, quando os participantes chegaram a Piquete.

A rota de peregrinação com ponto de partida em Aparecida (SP) foi realizada pela primeira vez em 2011, quando o grupo cruzou o Circuito Turístico Religioso que inclui, ainda, o Santuário do Frei Galvão (Guaratinguetá) e a Canção Nova (Cachoeira Paulista).

A Fundação Christiano Rosa e O ESTAFETA parabenizam a organização do 3º passeio pelo Caminho Jornada da Perseverança, bem como os ciclistas participantes, pelo empenho na realização do evento e esforço para completar o percurso.

Destacaram-se no grupo, além da perseverança, ordem, harmonia, companheirismo e solidariedade entre os participantes.

A organização agradece aos patrocinadores e colaboradores pela dedicação e comprometimento na realização do evento, e também aos participantes, que abriam o passeio.

“O Darwin Felix”

A Escola Darwin Felix produziu e distribuiu, por ocasião do aniversário de Piquete, o jornal “O Darwin Félix”, publicação dos alunos do Ensino Médio daquela escola. Neste primeiro exemplar os jovens fizeram uma homenagem à cidade de Piquete, que comemorava 124 anos de emancipação político-administrativa, buscando provocar no leitor um passeio pelo seu belo patrimônio, tanto natural, material quanto imaterial.

Do jornal constaram textos singelos, fruto de um trabalho realizado pelos próprios alunos sob orientação cuidadosa de seus professores. As principais fontes de pesquisas para a produção dos textos foram os jornais locais, a internet e o depoimento oral de moradores da cidade.

O gênero Jornal foi escolhido como metodologia deste projeto didático por ter muitas vantagens no contexto do ensino da linguagem, sendo as principais o exercício de autoria e o protagonismo. A importância social do jornal e, sobretudo, sua simples implementação, foram relevantes na preferência por este gênero textual. Parabéns à direção do Darwin Felix e aos alunos pela iniciativa!



O imaginário

No estudo das mentalidades defendido pela moderna forma de estudar a História Social, importa particularmente o conhecimento das atitudes psicossociais e seus efeitos sobre os comportamentos. Ao lado da história das ideias, embora em caráter mais abstrato que essas, constrói-se, simbolicamente, pelas mentalidades, mitologias como formas mais elaboradas do imaginário. Derivam-se daí evidências que se baseiam em explicações estereotipadas (veja-se, por exemplo, a ideia que se “consagrou” sobre a origem da cidade de Piquete, segundo a inscrição da placa exibida em via pública – Rua do Piquete – no núcleo urbano). Pelo compartilhamento de sua transmissão oral, tornou-se mito, ainda que a “verdade” documental ateste outra forma. A atualização das origens, entretanto, requer insistência em explicar, provando pelos documentos, como um piquete de cavalaria das tropas de milícias da Vila de Lorena já percorria o Bairro de Piquete (assim designado oficialmente) em data anterior (1828) à inserida na placa (1842). A designação Piquete de Cavalaria é dicionarizada como também piquetes para fixar estacas nos limites de áreas em derrubadas de vegetação e abertura de caminhos e, ainda, cercados para guarda de animais. Mas também referências aos piqueteiros de greves resistindo em manifestações.

Não sabemos dizer em que atribuições o vocábulo “piqueteiro” foi apostado ao de habitante do lugar. Entretanto, ouvi, sempre, nas atribuições, inclusive destes mesmos ao se referirem entre si como “piqueteiros”.

Foi assim que pretendi me referir quando tratei de recente artigo comemorativo do glorioso “Esporte Clube Estrela” e não como piquetense, o adjetivo pátrio de direito reconhecido gramaticalmente. Nossos opositores de torcida nos chamavam “piqueteiros”, não “piquetenses”.

“Piqueteiros” x Piquetenses

Éramos sempre chamados “piqueteiros”, especialmente pelos nossos vizinhos lorensenses. Vistos muitas vezes com rivalidades, particularmente nos jogos de futebol, partidas inflamadas quando as torcidas se enfrentavam no verbo e, às vezes, no braço. Faiscavam os adjetivos. Vibravam os verbos de ação, o que já é um pleonismo. Atributivos atrelados aos nomes e sujeitos. Favoráveis ou não.

O “trenzinho dos operários” do Ramal Lorena – Piquete, conhecido em Lorena

como “O Piqueteiro”, quando chegava a Lorena despertava curiosidade. Quem chegou? Vistos subalternamente, isto é, sob estereótipos desfavoráveis.

Um dos principais estudiosos do imaginário, o historiador Jean-Jacques Weinenburger, em livro denominado “O imaginário” salienta que “a definição do imaginário assume uma acepção diferente de acordo com a importância que se atribui a cada tipo de imaginação a ele subjacente” e que pode se manifestar como reprodutiva ou imagética. Por exemplo, uma imagem reconhecida por todos, a de São Miguel Arcanjo, em Piquete, o arcanjo combatente, ou Nossa Senhora Aparecida, ou do Duque de Caxias, ou de um herói nacional, um esportista famoso, um astro ou atriz de TV etc. Além da simbólica, que “fomenta fantasias”. Por exemplo, São Miguel como combatente ou justicador. Assim, um relato oral que vai colorindo com maior ou menor intensidade e evidência, um relato tornado de domínio público, um conjunto de lembranças ou representações “que ultrapassam os limites pelas constatações da experiência e pelos encadeamentos dedutivos que estas autorizam”, conclusão a que chegou Jacques Le Coff, historiador medievalista, citado por É. Pataglan in “Histoire de l’imaginaire” (História do Imaginário). Por exemplo, quando nos referimos às conquistas do futebol brasileiro e às dos jogadores piquetenses nos tempos áureos do Estrela Futebol Clube. Associamos imagens fotográficas para reforçar o mito que se cria para partilhar a transmissão da memória.

Os atributivos positivos e negativos dão aos quadros memorizados o reforço pelo qual se energiza o processo cultural para fixá-los.

As narrativas como as bíblicas servem a um contexto formativo, educativo e aglutinador dos que se acreditam nas mesmas origens, destinações e fim. Por isso, os elementos tornados mitos reproduzem imageticamente o que se quer representar: o Menino do presépio, a mãe, o pai, o Salvador sofrendo na carne humana a cruz, e a mãe, redentora de Eva pecadora, os santos supliciados, nos combates, nos êxtases das sublimações máximas, e nos quadros catárticos. Nas narrativas memoriais, os mitos do reconhecimento.

Referindo-nos ao “trenzinho dos operários”, os frequentadores de Piquete eram vistos de forma hierárquica posicionados

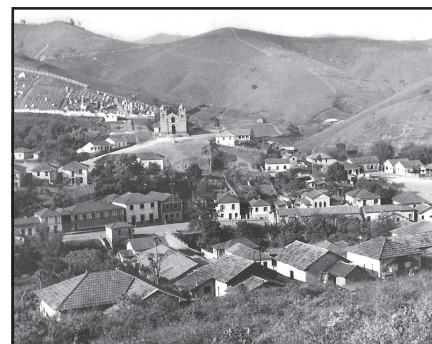
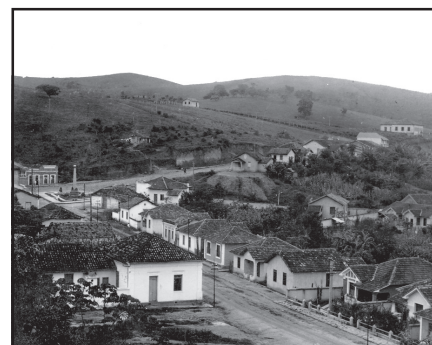
em escala social descendente. Conjugavam a si a ideia de menos dotados de bagagem cultural, de conhecimentos adquiridos e de polidez. Classificação a que não estavam, provavelmente, sujeitos os homens de uniforme azul trabalhadores da FPV vindos pela manhã e retornando no fim da tarde. E nos retornos do trem, dos cidadãos piquetenses que iam à antiga sede da Vila (Lorena), em cujo termo se incluía o Bairro do Piquete, já emancipado, para compras e visitas sociais, médicas e tratos de negócios.

Trazer um “pão-tatu” embaixo do braço era, para muitos, uma espécie de suprema glória.

As crianças aguardavam e, de fato, segundo minha experiência, sempre chegava em boa hora – hora do café da tarde. Num tempo em que as horas eram mais “vagarosas”.

Hoje, tudo se acelerou. Os comportamentos sociais mudaram como também influíram nas mentalidades. As grandes “catástrofes” – nuclear, climática, biológica, como diz o filósofo Ruy Fausto, in “Piauí (dezembro de 2014) – nos ameaçam. Catástrofes que alguns temem e outros denunciavam como mito. Vale muito discutir essas questões em mais um aniversário emancipatório de nossa Piquete.

Dóli de Castro Ferreira



Seu Dito da Estação

Sr. Benedito Ramos Pinto (1921 – 2015)

Assim era conhecido um grande amigo, referencial do chamado “largo da Estação” (rua Duque de Caxias), o qual, com a família, organizava a mais tradicional festa da queima do judas nos domingos de Páscoa. Liderava a festa da distribuição das “aleluias” com balas e doces, pipoca e outras guloseimas, além de moedas disputadas vivamente pelos jovens, crianças e até adultos. Já comentei várias vezes neste O ESTAFETA essa festa que marcava bem o empenho da família com seu Dito, a Regina e o Luiz, filhos do casal formado por seu Dito e dona Maria, e mais os netos, a bisneta e os amigos. Foguetes espocando, discursos e muita música! Uma alegria geral e contagiante! E seu Dito, com o sorriso largo, contabilizando as presenças, lamentando as ausências, e, com a idade

avançada pelo desgaste natural reagia anunciando que ali estaria sempre para manter a festa viva e prazerosa.

Até que, num dia destes, o Senhor designou um conjunto de anjos para vir buscá-lo e continuar as festas lá no céu e num intenso raio luminoso o seu Dito se foi. Deixou-nos saudosos de sua inefável presença. Lá, no lugar que lhe coube, entre as estrelas, faz a iluminação dos admiradores, descendentes e amigos.

Tinha espírito de liderança. Defendia veementemente os princípios sob os quais postulava a boa conduta. Frequentava as reuniões da Câmara, quando participava ativamente dos debates e analisava as posturas dos vereadores. Gostava de política, essencialmente local. Amava

Piquete como outros concidadãos, frutos da boa educação tradicional.

Vivendo pra lá dos noventa (94 anos), nunca fraquejou da lucidez e do ânimo. Apenas cansou-se, como é natural. As pernas já mais lentas, entretanto, não o desanimaram dos propósitos. E, dentre eles, o da alegria da criança nos dias da festa que o celebrizará para sempre. E que, provavelmente, os filhos e descendentes continuarão.

Abramos nossos corações, afastemos as máscaras da ironia, dos fingimentos e dos desentendimentos para enxergar no seu Dito o cidadão exemplar e o homem íntegro que representava. Admiremos sua trajetória e guardemos dele a memória que nos torna mais humanos e compassivos.

Dóli de Castro Ferreira

O profeta e o bar do Araújo

Era domingo. Antes das seis da matina. Jairo acordou sonolento. A cachaça de sábado ainda amargava sua boca. A cama feita de tocos e capim farfalhou ao levantar-se. Nem havia trocado de roupa. As botas furadas ainda no pé. Colocou-se de pé. No momento uma única coisa o animava, o café. No fagãozinho de lenha do barraco de pau a pique ainda ardia meia dúzia de brasas. Jairo socou ali uns gravetos finos e um pedaço de palha de milho e o fogo despertou. Colocou um bule velho na chapa e encheu-o de água. Meteu uma medida de pó, uma ‘mãozada’ como ele dizia, e deixou ferver. Esperando sentou-se na taipa e pensou devagar. Tinha algo diferente naquele dia. Sentia como se o peito ardesse. Absorto em seus pensamentos nem percebeu que a água borbulhava no bule. Despertou daquele mundo de fantasias quando uma gota fervente pulou em suas mãos. Pegou um pano de prato sujo e rasgado e puxou o velho bule. Pegou um graveto em brasa e colocou dentro do bule. O pó baixou. Encheu um caneco velho de ágata cheio de lascados com aquele café. Nele colocou, distraído, uma quantidade absurda de açúcar. Provou devagar o mel negro que podia ter gosto de tudo, menos de café. Mas serviu para tirar o amargor e alinhar a mente. Era mesmo um dia especial. Jairo sentiu-se ungido. Lembrou-se daquele sonho estranho que o fez acordar sabe-se lá a que horas da madrugada. Um anjo apareceu a ele. Logo ele. Devoto de São José. Pensou e pensou. Se o padrinho José teve a visita de anjos, por que não ele?

Vestiu o chapéu de feltro e abriu a porta. Cilada, sua égua, estava olhando para ele. Ele fez um esforço, mas não se lembrava de ter tirado o arreio dela. Teria Cilada se

desvencilhado da tralha toda sozinha? Bobagem, pensou Jairo. Apenas com aquele café no bucho, sem nada de alimento, ele pegou a sela e paramentou sua companheira. A única que restou depois que mulher e filhos haviam ido embora para Minas. Fez um carinho na égua e montou na Cilada. Ela já sabia que o caminho era o de sempre. A via-sacra de Jairo. De segunda a sábado Cilada fazia o caminho para casa parando em cada boteco. No domingo ela fazia a ida e a vinda. Sabia que naquele dia ela nem iria até o pasto apartar o gado. Não iria ficar solta nas terras do sinhozinho. Domingo era dia de ser amarrada em postes nas portas dos bares.

Cilada sentia algo diferente em Jairo. Ele, que sempre conversava com ela, estava quieto. Jairo pensava em seu sonho. O anjo havia lhe dado uma missão. Ele pensava se a bebida o havia deixado louco. Ou se ele realmente entendia o ocorrido. Deus perdia tempo com bêbados como ele? Mas, e daí? Nem ligo! Esse era seu jeito. Deus uns tapinhas no pescoço de Cilada e ela acelerou o passo. Jairo olhava no pedaço da orelha da égua que havia sido praticamente comido por carrapatos. É. Esse mundo é de parasitas mesmo. Se bobeamos, eles nos comem. Vamos, Cilada, balbuciou. Cada dia o bar ficava mais longe. Em cada porta que antes havia desenhado uma garrafa de cerveja havia um nome de igreja. Domingo de manhã algumas estavam abertas. Dentro delas uma meia dúzia de pessoas e alguém a pregar em altos brados num microfone. A caixa chegava a virar no avesso. Jairo passou olhando. Não ouvia. Aqui era o bar do Tonho, lembrou ele. Ali na outra era o Bar do Araújo. Mais embaixo, a uns dois quilômetros, enfim um porto seguro. “Mané. Manda aí uma

cabeçada. Tenho uma missão a cumprir”. O boteco veio abaixo de tanta risada. O sergipano de sotaque arrastado que estava apoiado no balcão soltou uma frase: “O xente! Endoidou foi?”. Jairo entornou a canjibrina de um gole só e pediu mais uma. Nada respondeu. Saiu devagar e na porta do bar convidou os colegas para segui-lo até o Alto da Bela Vista. Ninguém se moveu. Cedo demais, disse um coitado sentado à porta.

Jairo seguiu adiante montado em sua velha e paciente companheira. Entrou por uma viela. Subiu uma ruazinha. E foi convidando as pessoas. Tinha gente de terno que ia ao culto. Tinha meninos com paramentos religiosos que iam auxiliar o pároco. Havia os donos de comércio preparando os frangos nas assadeiras. Tinha um amolador de faca e seu apito longo. Aqui e ali uma velha senhora que acenava. Lá se foi Jairo morro acima. Para cada um, um convite. Lá no alto ele apeou de sua égua. Subiu na pedra. E anunciou que era um profeta. Um enviado. Fechou seus olhos e levantou um braço apontando aos céus. Então gritou em alto brado: “Não mais Igrejas! Não mais religiões!” e proferiu um complemento que sempre ouvia mas não sabia o que significava, “Oráculo do Senhor!”. E completou sua profecia: “Basta que amemos. E só!”. Olhou para baixo. Ninguém o havia seguido. Todos estavam no mesmo lugar. Faziam as mesmas coisas. Iam por aí. Jairo pensou: “todas as palavras necessárias foram ditas”. Montou em Cilada. Cilada foi-se com ele passando por todos os lugares de todos os dias. Pelo menos naqueles que restaram. E assim foi-se o domingo.

Luiz Flávio Rodrigues



A Fundação Christiano Rosa e O ESTAFETA parabensam os poderes constituídos e a população piquetense pela passagem dos 124 anos de Emancipação Político-Administrativa de Piquete.

Salve 15 de Junho de 2015!



Crônicas Pitorescas

Pato aqui, pato acolá...

Vereador da oposição de uma cidadezinha do nosso interior paulista quebrou o galho de um pequeno sitiante junto ao prefeito da situação. Tinha o edil até se esquecido do caso quando, num determinado sábado, pela manhã, o sitiante bateu à sua porta. Atendido, ofereceu, como prova de gratidão ao político um enorme pato para o melhorado domingueiro. Agradecimentos, a desnecessidade da oferta, que estava no cargo para a defesa do povo, e coisa e tal, demagogou o vereador. Despediu-se o homem, ficando o camarista na varanda com o patão embaixo do braço.

Foi uma festa! O vereador tinha seis filhos, de ambos os sexos, intercalados entre o primogênito, de doze anos, e a caçula, de três. No quintal da casa, o pato, de tão grande, quase se arrastava no chão, bambolean-do o rabinho de penas para lá e para cá. O novo habitante do quintal foi o divertimento maior da garotada naquela manhã.

Encrencada estava a dona da casa. Matar frango destroncando o pescoço era galinha mole para ela, mas pato, não sabia como fazer... Coisa boa nesta terrinha é que sempre tem alguém por perto que sabe de tudo. Uma vizinha, que havia espreitado a cena da oferta, já se encontrava na casa do vereador bisbilhotando e resolveu o problema. Coisa simples... Tinham que arranjar um prego bem grande e martelá-lo na cabeça do pato. Tiro e queda, ou melhor, pregou, quedou. Deu outras explicações sobre os tipos de condimentos, matá-lo na véspera para melhor calar o tempero, como saber quando estava no ponto, tirar do forno dia seguinte...

Nasceu, porém, uma dúvida: a mulher disse ao marido que não teria coragem de praticar tal ato. O homem disse à esposa que não o faria, pois isso era papel de quem cozinha. No quintal, a ave, satisfeita da vida, rebojava mais que grupo de alegres, transformada na atração central dos infantes da casa, sem saber que, na cozinha, seu destino já estava traçado, discutindo-se apenas quem iria sacrificá-lo. Diante dos argumentos do vereador (tarimbado), a dona da casa,

amargurada, foi convencida de que deveria ser a carrasca do pato. Sentia-se um Klaus Barbie feminino.

Já passava das três da tarde, todo mundo almoçado, inclusive o pato, quando a mulher mandou o filho mais velho se virar e arranjar um prego bem grande. Sem atinar a razão, o moleque se pôs em campo e, coisa de meia hora, apareceu com um prego de todo tamanho, todo enferrujado, e o entregou à mãe. Esta mandou-o colocar um caixote no meio do quintal e, com o prego em uma das mãos e um macete de bater carne na outra – por falta de martelo –, mandou-o pegar a ave. Quando a criança deu pela coisa, desabou um temporal de lágrimas, gritos de “não, mãe...” misturados com soluços... Da porta da cozinha, o pai, amuado, assistia à cena. Com os olhos marejando iguais ao do filho maior, que segurava o pato esticando o seu pescoço, a mãe colocou o prego enferrujado na cabeça da ave e “plaff!”... Lá se foi a macetada... O pato soltou um “quémm” macabro, esperneou, soltou-se, caiu do caixote e correu desengonçado pelo quintal, com o prego encravado na cuca. Soltava “quenquéns” lancinantes, ao som de uma choradeira generalizada, até que, por fim, foi caindo, caindo e esticou as canelas...

Encurtemos a história: a mulher, penalizada, limpou e temperou; dia seguinte, levou-o ao forno. A mesa foi posta e, no centro dela, dourado, ataviado e cheiroso, ele, o pato. Mas qual! Ninguém queria comer o petisco. Um silêncio gritante de amargura rodeava a mesa nos rostos das crianças, que olhavam para a mãe com raiva.

Como nem o dono da casa sentia vontade de saborear a ave, e, como bom político não perde água de bica, mandou a mulher colocá-lo numa bandeja e fazer uma bela embalagem. Escreveu um cartão e mandou o garoto de doze anos levar o pitêu até a casa do prefeito, que, por coincidência, aniversariava naquele dia.

Pelo menos dessa vez, a situação não pagou o pato. Ganhou...

Palmyro Masiero

O pé de ipê

Edival da Silva Castro

Em toda a extensão da Av. Targino Vilela Nunes, em Lorena, existem, nas orlas das calçadas, diversos tipos de árvores.

Dentre elas, uma chamou a atenção daqueles que por lá passaram.

Era um pé de ipê-rosa.

Ao entrar na floração, ele perdeu todas as folhas e, como uma grande mancha de cor, sobressaiu, exuberante, à paisagem.

Uma visão tão esplêndida, que as pessoas paravam para admirar e exprimir suas emoções ao pé da natureza pródiga de graças.

De tanto que era o assédio, um morador dali passava horas e horas nas imediações da árvore a fim de dar informações sobre ela. Ele mesmo, apesar da idade, nunca havia visto tamanha beleza em toda sua vida. Era um sonho da natureza arraigado na avenida.

E as pessoas paravam e perguntavam:

– Ei, senhor que árvore linda! Qual o nome dela?

– Este é um ipê-rosa... Foi a primeira vez que floriu assim – falava com entusiasmo.

Havia quem comentasse sobre outros ipês: o amarelo, o roxo e o branco.

Uma gari passou limpando a calçada e parte da avenida e não se conteve de admiração. As pétalas soltas no chão machucaram seu coração; piedosa, começou a ajuntar aquele resto de flores numa pá, quando se dirigiu ao homem:

– Senhor, que pena! As flores não podiam cair assim. Uma árvore como esta faz as pessoas se sensibilizarem. Veja! Todos que passam por aqui param extasiados com sua beleza.

– É! Esta beleza toda não passa de nove dias. É o tempo da sua floração.

O sol brilhante e forte acrescentava à sua copa reflexos violáceo-claros. Uma brisa envolvia a tarde e as flores caíam abundantes como chuva colorida.

Olhando para a árvore, a gari, empurrando o carrinho de lixo, deixou o local com voz lamentosa:

– Já que é assim, amanhã eu volto para colher o resto das pétalas.

Algumas flores estatelavam-se pelo chão...

Árvore

Um passarinho pediu a meu irmão para ser sua árvore.

Meu irmão aceitou de ser a árvore daquele passarinho.

No estágio de ser essa árvore, meu irmão aprendeu de

sol, de céu e de lua mais do que na escola.

No estágio de ser árvore meu irmão aprendeu para santo

mais do que os padres lhes ensinavam no internato.

Aprendeu com a natureza o perfume de Deus.

Seu olho no estágio de ser árvore aprendeu melhor o azul.

E descobriu que uma casca vazia de cigarra esquecida no tronco das árvores só serve pra poesia.

No estágio de ser árvore meu irmão descobriu que as árvores são vaidosas.

Que justamente aquela árvore na qual meu irmão se transformara envaidecia-se quando era nomeada para o entardecer dos pássaros

E tinha ciúmes da brancura que os lírios deixavam nos brejos.

Meu irmão agradecia a Deus aquela permanência em árvore porque fez amizade com muitas borboletas.

Manoel de Barros



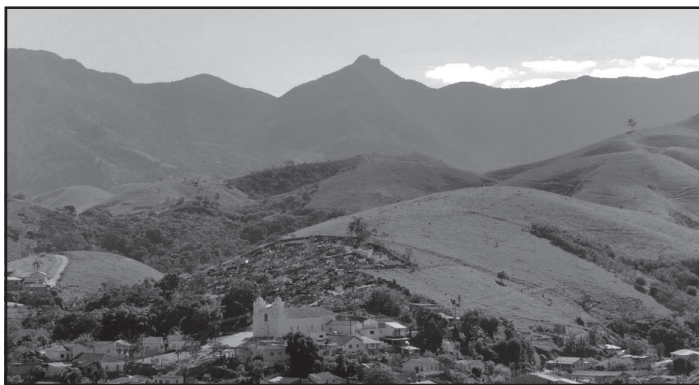
O ESTAFETA
O ESTAFETA
O ESTAFETA

ACESSE NA INTERNET, LEIA E DIVULGUE O INFORMATIVO
“O ESTAFETA”
www.issuu.com/oestafeta

Piquete e seus mundos

Um motivo simples, mas importante, me faz mudar a temática nesta edição: em junho de 2015, nossa Piquete comemora 124 anos e eu, como todo bom piquetense de veias inundadas pelo sangue da história oral e dos contos nostálgicos, também gostaria de compartilhar as impressões, histórias e palpites gerados por essas duas décadas em que vivi sobre esta terra de geografia deslumbrantemente acidentada e de cultura e história que se confundem com a própria construção do Brasil.

Correndo o risco de ser simplista, mas buscando nada mais que um modelo pra pensar nosso presente e futuro, diria que Piquete é produto de dois mundos: o do passado distante e o do passado recente – ainda que de dois passados. O primeiro desses mundos, o do passado distante, remete à origem de nossa cidade. Fruto do novo ciclo econômico que tomou o Brasil no século XVIII, Piquete começou a nascer nas costas das mulas e nos braços dos tropeiros que carregavam junto de si não só o ouro rumado para Portugal, mas também a semente de uma cultura tradicional que sobrevive há séculos num mundo cada vez mais fluido. A cultura herdada desses tempos segue enraizada nos costumes e modos de nossa gente: da receita do feijão tropeiro ao jeito simples, acolhedor e cativante dos piquetenses – em tudo se nota a marca da cultura tropeira, que, mesmo com berço diferente da caipira, se parece muito com essa quando se trata do coração cordial e amigável de quem a guarda.



Dando pulos no tempo, encontramos o outro mundo piquetense que começara a se formar no século passado: o do passado recente. Carregamos o signo da modernização e industrialização do Brasil impulsionadas por Getúlio Vargas com a Revolução de 30. Apesar da Fábrica de Pólvora sem Fumaça ter sido inaugurada em 1909, ainda durante o governo da Primeira República, foi a partir de 1930 que a então Fábrica de Piquete ganhou protuberância nos planos estratégicos do Brasil. Com a chegada de operários de inúmeros cantos do país, a presença da Fábrica alterou de forma marcante e indelével a história de Piquete criando um novo mundo que passaria a conviver e a se misturar com o antigo. O município rural de pequenos e grandes proprietários passou a ganhar tons urbanos com o operariado que se instituiu na cidade e, ainda hoje, mesmo que em cores menos vivas, a agora IMBEL/FPV segue tendo importância fundamental na cidade, seja através da garantia de em-

prego a algumas centenas de famílias, seja nas lembranças diversas sobre esses tempos que ainda permeiam a memória de muitos piquetenses.

Diria eu que, de alguma maneira, Piquete combina o velho e o “antigo novo”, o arcaico e o moderno (não o contemporâneo). Por onde quer que se ande em nossa cidade, a tônica das conversas é sempre a mesma: a lembrança nostálgica de um passado que já não volta – pode ser o das fazendas ou o da Fábrica, mas sempre o passado.

Surge então uma questão angustiante: ora, se vivemos de passados, e eles já não retornam, o que fazer pra hoje? A resposta que sugiro parece óbvia, ainda que sua concretização não seja simples: se o passado é bom, mas não volta, é hora então de construir o presente. O amor por essas terras e o orgulho por pertencer a ela estão calcados não só na preservação de nossa cultura, que é a essência de nosso “ser piquetense”, mas também na necessidade de se erguer a cabeça em busca de novos horizontes. É preciso construir uma nova história. Os mundos dos tropeiros e o da Fábrica precisam ganhar a companhia de um novo, que, enquanto sonho, reside não só nas mãos de quem governa, mas nas de todos os que vivem cotidianamente as curvas e elevações desta terra. Viva Piquete! E viva nossos sonhos por novos mundos dentro dos nossos próprios!

Rafael Domingues de Lima

Responsabilidade Ambiental

É entre o Brasil (Amapá) e a Guiana Francesa, na baía que leva seu nome, que o rio Oiapoc lança suas águas no oceano.

Neste ponto, tem início o litoral brasileiro, que se prolonga até a foz do arroio Chuí, no Rio Grande do Sul.

O espaço costeiro, habitado antes do descobrimento apenas por povos indígenas, recebeu portugueses do continente e das ilhas – madeirenses e açorianos a que se somaram afrodescendentes, o que produziu um caldeirão cultural muito rico.

São pitorescas embarcações, vários modos de pescar. É um artesanato de grande valor, que inclui bordados e rendas – a famosa renda de almofada, o bilro. É música e dança – o fandango. É culinária riquíssima. É a festa do Divino Espírito Santo.

Nos locais onde predominou a cultura indígena, os habitantes receberam o nome de caiçaras, uma alusão à maneira peculiar de pescar, conduzindo os peixes para um cercado.

Quando os caiçaras do litoral norte de São Paulo começaram a ser incomodados pela especulação imobiliária e pelos movimentos de proteção à Mata Atlântica, o povo brasileiro tomou consciência de que algo precisava ser feito pelo litoral do país.

A TV Cultura de São Paulo apresentou aos domingos, ao final da tarde, a viagem da embarcação Mar Sem Fim, que percorreu todo o litoral e mapeou os acidentes geográficos, os habitantes e suas carências e suas típicas embarcações.

Agora, aos domingos, às 19h, o mesmo

Canal apresenta a viagem em sentido contrário, do Chuí ao Oiapoc, elencando as Unidades de Conservação da zona costeira do nosso país.

O navegador João Lara Mesquita tem sempre viva a memória dos valerosos homens do mar do final do século XIV, entrando pelo século XV. Foi procurar na poesia o nome de sua embarcação – Mar Sem Fim. Mar que, segundo o poeta, é português.

O retrato do litoral brasileiro que o Mar Sem Fim revela para nós não é animador.

Apenas 1,5% da zona costeira se encontra protegida por Unidades de Conservação.

São 62 unidades. Em muitas falta o pessoal necessário. Em outras falta o Plano de Manejo. Ou o instrumental adequado.

O mar e as populações tradicionais estão submetidos a toda sorte de prejuízos.

O MAR VIVO depende de mangues e corais protegidos.

Em muitas faixas, o mangue foi completamente destruído.

A comunidade de vida que os corais abrigam fica prejudicada pela poluição.

Os rios carreiam todo o esgoto. As cidades litorâneas não tratam o esgoto. O mar recebe ainda resíduos das indústrias, da agropecuária e da carcinicultura. São frequentes os vazamentos de óleo das embarcações e dos dutos. Acrescente-se ainda os resíduos do processamento da higienização das embarcações.

As populações tradicionais ficaram encurraladas pelos “resorts” e pelas casas de veraneio.

Muitos foram enganados e perderam suas propriedades.

Em vez de corados homens do mar, temos pálidos donos de pousadas.

O Poder Público faz vistas grossas às praias particulares já que o município não implementa o Plano Diretor.

O Brasil tem tecnologia para tratamento e reúso da água tanto no meio rural como no urbano. Fazendeiros e industriais têm avançado muito neste setor e diminuído suas despesas enquanto protegem o meio ambiente.

O conhecimento é um grande facilitador. Já imaginou um Nordeste sem jangadeiros?

Pois as jangadas estão desaparecendo porque os pescadores não podem fazer o reparo, porque o IBAMA não permite o corte de árvores.

A Universidade pode oferecer o plantio de várias mudas da espécie para garantir o corte de apenas uma árvore.

Não seria razoável a criação de Escolas Técnicas de Pesca e Maricultura para os filhos dos pescadores tradicionais?

Não seria inteligente reservar as ilhas exteriores – mar de fora – para experiências de energia solar, eólica e das marés?

Afinal, não estamos em condições de desprezar proteína gratuita.

Queremos um mar com peixe ou sem peixe?

A avifauna já deu o seu parecer. Ou desapareceu.

Abigayl Lea da Silva



Piquete: 124 anos de emancipação político-administrativa

Piquete comemorou festivamente seu aniversário de 124 anos de emancipação político-administrativa.

Da programação deste ano de 2015 constaram missa, culto, queima de fogos e apresentações musicais na Praça Duque de Caxias. A Câmara Municipal realizou sua Sessão Solene no dia 12 de junho, a qual teve como orador oficial o diagramador e articulista d'O ESTAFETA, Laurentino Gonçalves Dias Júnior. Na ocasião, recebeu o título de Cidadão Honorário de Piquete o senhor Celso Torino e o Diploma da Ordem do Mérito Municipal foi outorgado ao se-

nhor José Augusto Costa. Receberam o prêmio Placa de Prata Alcebíades Rodrigues da Silva Júnior, Alexandre Francisco de Souza, Pastor Antônio Inácio Moreira, José Santana da Silva, Pastor Marco Antônio Pinto, Vanda Aparecida Martins Pereira e a Fundação GAISES – Grupo de Apoio e Inclusão Ético-sócio-cultural.

O ponto alto das comemorações, como sempre, foi o esperado Desfile Cívico, que aconteceu na manhã do dia 15 de junho. Contando com a presença de todas as escolas do município, além de entidades como a Academia de Judô de Piquete, o desfile foi

abrilhantado pela presença da Banda do 5º BIL e de um pelotão de soldados, que abriram os desfiles. A Praça Duque de Caxias ficou repleta de piquetenses, que aplaudiram entusiasmadamente os alunos, que desenvolveram alegorias sobre um tema atual e muito importante: a “Água”.

Em mais um aniversário de Piquete, a Fundação Christiano Rosa e O ESTAFETA destacam a necessidade da união harmônica entre os poderes constituídos do município com sua população, a fim de se garantir o desenvolvimento e o engrandecimento de nossa cidade.

Basta de homofobia GLBT

Num livreto intitulado “Diálogos Noturnos em Jerusalém”, o renomado jesuíta turinês Cardeal Carlo Maria Martini, Arcebispo Emérito de Milão, falecido em 2012, dialoga com o Pe. Georg Sporschill, outro jesuíta conhecido por seu trabalho social com crianças de rua na Romênia e na Moldávia. No centro dos diálogos, o sonho comum em favor de uma Igreja mais aberta. É um texto muito rico, no qual são abordados temas atuais. O Cardeal Martini era um homem admirável, tanto quanto os seus ensinamentos. Quando questionado sobre a homossexualidade, conclui sua resposta dizendo que “No trato com a homossexualidade temos que censurar a Igreja, já que muitas vezes fomos insensíveis”.

Antes do século 13, segundo John Boswell, um dos maiores estudiosos do tema, o cristianismo foi bastante tolerante em relação ao erotismo entre pessoas do mesmo sexo. A matéria não recebia destaque entre outros atos considerados pecaminosos, era um pecado comum. Isso começou a se modificar já em meados do século 12, quando o conselho de Naplouse, na Cisjordânia, decretou que todo adulto condenado por ter cometido voluntariamente o pecado de sodomia seria queimado na fogueira. Essa ideia infeliz foi progressivamente se espalhando pela cristandade. O Terceiro Concílio de Latrão, em 1179, previu que todo indivíduo que tivesse cometido ato de incontinência contra a natureza seria reduzido ao estado laico ou encerrado em um mosteiro, no caso dos clérigos, e excomungado e banido da Igreja se fosse leigo. No final da Idade Média, uma Europa despovoadada por guerras e epidemias viu nas práticas homossexuais uma ameaça fatal à necessidade da procriação. Nesse contexto, os processos contra os sodomitas se multiplicaram.

Em 1568, Pio V determinou que clérigos e monges sodomitas perdessem o status e fossem entregues ao braço secular para serem punidos, inclusive com a pena de morte.

Durante cerca de 700 anos a Igreja teve sua reputação manchada por um verdadeiro instrumento de terror chamado Inquisição. Os historiadores distinguem entre Inquisição Papal, que vigorou na França, Itália e outros países europeus a partir do século 13, e a Inquisição Moderna, que teve apogeu na Península Ibérica e em suas colônias entre os séculos 15 e 18. Oficialmente não houve Inquisição no Brasil colonial, mas de fato ela existiu por aqui, disseminando o racismo, o antisemitismo, a homofobia, o autoritarismo, as perseguições e a violência. Informalmente, qualquer religioso regional fazia o papel de inquisidor. Bispos, párocos, vigários, membros de ordens religiosas – todos podiam ser vigias e delatar. O acusado era preso, o processo aberto e enviado a Lisboa. Havia comissários do Tribunal da Inquisição por toda parte. Eles contavam com a ajuda de homens influentes que espionavam e faziam denúncias. Estima-se que mais de mil pessoas tenham sido presas e levadas para os cárceres de Portugal e cerca de trinta condenadas à morte na fogueira, dentre esses muitos acusados de sodomia. Ao todo, a Inquisição portuguesa queimou 1808 pessoas, um verdadeiro genocídio em nome de Deus.

Diante disso, as palavras do Cardeal Martini são proféticas: no trato com a homossexualidade a Igreja deve ser censurada. Nós, cristãos, precisamos fazer autocrítica, reconhecer que herdamos injustiças cometidas por cristãos do passado. Devemos ser mais sensíveis, tolerantes e respeitosos com nossos irmãos homossexuais. Não podemos repetir o horror das foguei-

ras, não temos o direito de incitar a homofobia. Quando esses nossos irmãos desrespeitam e vilipendiam nossos símbolos religiosos, devemos compreender e nos recordar de que os cristãos do passado foram brutais, perseguiram e mataram, muitos deles queimados. Não podemos nos esquecer disso. É natural que muitos deles odeiem o cristianismo. Cabe a nós buscar um diálogo humilde, respeitoso e apresentar-lhes uma Igreja convertida, mais acolhedora e compreensiva, que reconhece e repudia os erros do passado e qualquer forma atual de discriminação dessa população.

Somente no ano de 2013, 312 homossexuais foram assassinados no Brasil, isso significou 40% dos homicídios de gays em todo o mundo naquele ano. O país continua sendo o campeão mundial em violência ligada à homofobia. A maioria desses crimes foi praticada com violência extrema. Viviany Beletony, a transexual que desfilou na “Parada Gay”, em São Paulo, presa a uma cruz, representando Cristo, não foi, de forma alguma, ofensiva à fé cristã. Ao contrário, Cristo de fato está identificado com todos os sofredores deste mundo, também com os que sofrem perseguições, humilhações e são mortos por causa de sua orientação homossexual. Disse Viviany: “Representei todas as mortes e agressões que vêm acontecendo contra a classe GLBT”. Sua performance não foi um deboche, mas um justo protesto. Na inscrição sobre sua cabeça estava escrito: “Basta de Homofobia GLBT”. Este deveria ser também um grito dos cristãos contra a morte e o desprezo desses filhos e filhas de Deus, nossos irmãos e irmãs. A paixão de Cristo se estende também na carne de todos os que sofrem e são assassinados por conta da homofobia.

Pe. Fabrício Beckmann